

## NAS TEIAS DO INTEMPESTIVO CONTEMPORÂNEO: (IM)POSSIBILIDADES DA PALAVRA INACABADA

Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho<sup>1</sup>

Os limites do contemporâneo, de difícil apreensão, têm exigido abordagem paradoxal, principalmente, por conta da força que o termo/conceito tem ganhado na nomeação das artes atuais. O filósofo Giorgio Agambem (2013), ao buscar problematizar à questão, por meio de um ensaio intitulado “o que é o contemporâneo?”, já evidenciava essa aderência temporal desajustada da obra/autor em relação ao que pode ser próprio de um tempo, recuperando a conhecida assertiva de Roland Barthes: “o contemporâneo é o intempestivo”.

Para Agambem (2013, p. 58-59),

[...] é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

O caráter anacrônico sugere confrontos operados por seres que pertencem ao seu tempo, mas vivem o entrelugar de outras temporalidades, efetivando pertencimentos paradoxalmente erigidos na cisão (entrelaçamento) desse mesmo tempo em (com) outros tempos, sem, necessariamente, evocar nostalgias do passado ou projetismos do futuro. Nesse sentido, o contemporâneo é feito de sujeitos que mantêm o olhar fixo sobre o tempo em que vivem, devendo, portanto, vê-lo; entretanto, não conseguem tal intento quando aderidos à época, porque, sem estar dela deslocados, podem não alcançar o distanciamento necessário para apreendê-la, devendo ser duplamente “(in)atual”, como destaca Agambem (2013, p. 72).

Retomando o texto de Agambem, Schollhammer (2011) discute o que vem a significar o termo contemporâneo, recortando e definindo a prosa de ficção na perspectiva temporal do hoje. Para o autor (2011, p. 9), “[...] o contemporâneo não é aquele que se identifica com o seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. É aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem, ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”. Não para reproduzi-lo por identificação, mas para ser capaz de enxergar zonas marginais e obscuras do presente e que não podem ser destacadas como parte de sua trama oficial. Mais do que uma delimitação exclusivamente voltada a um período temporal, a condição contemporânea solicita problematizar o caráter contraditório e ambíguo da existência.

O fazer literário do presente, nesse sentido, busca realizar uma escrita antes voltada ao exercício, sempre desafiador, de pensar o presente com obscuridades, mazelas e abjeções. Talvez por isso, nesse início de século (XXI), sobressaíam-se tantas tendências voltadas ao trágico, à violência, à espetacularização das chagas humanas e sociais, tendências claramente presentes no fazer literário de muitos escritores que fazem do presente um tempo entrecruzado por muitos tempos, lugar da “palavra inacabada” (BLANCHOT, 2010), que assume a potência da incompletude, da fuga e da própria (im)possibilidade.

Se o contemporâneo está apto a visualizar pontos de escuridão, por dirigir fixamente o olhar ao seu tempo, percebendo “não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEM, 2013, p. 72), as linhas de fuga presentes em cada (im)possibilidade leitora podem propiciar o esgarçar do opaco

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), CAMPUS V, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. E-mail: [ilmarvalois@hotmail.com](mailto:ilmarvalois@hotmail.com).

tecido da escuridão que somos e vivemos. Como bem dito no texto de abertura do 20 Cole, os “processos inventivos, criativos, imaginativos da leitura” criam as dobras capazes de fazer outras (des)dobras, ampliando indefinidamente os trajetos de compreensão que se (entre)cruzam com sonhos, fantasias, delírios, projetos e diversos outros universos simbólicos em potência, o que se pode vislumbrar nas páginas da obra literária *Ó*, do escritor Nuno Ramos (2008).

### **“Seres de linguagem”, “heróis mudos”: uma genealogia errática para a linguagem**

Ao fabular uma origem para a linguagem, *Ó*, de Nuno Ramos (2008), apresenta uma genealogia crítica para os códigos linguísticos que utilizamos em nossas interações. A genealogia ficcionada toma a linguagem como *locus* de verdades erigidas por um momento de doença da humanidade, em que, reunidos em busca de consolo e proteção, doentes ou feridos, os seres humanos teriam inventando um sistema de códigos que os poupasse da doença, da dor e da morte, tornando-se “seres de linguagem” e exterminado àqueles que não aceitassem viver sob tal invento, os chamados “heróis mudos”. Essa condição, erigida comunitariamente em prol do bem da maioria, cumpriu o intento de duplicar a própria existência, ficcionalizando um abrigo descomunal de contato mediado com o mundo, o que acabou por se efetivar como fonte de poder, domínio, violência e exclusão.

Nesse sentido, o capítulo “1. Manchas na pele, linguagem” torna-se absolutamente pertinente para se pensar a ação racionalista moderna e sua vocação por atribuir à linguagem característica veicular de precisão, objetividade e verdade, pela criação de um território ideal, capaz de extirpar a sensibilidade primitiva de seus limites simbólicos. Colocando-se acima e a largo de todo saber enraizado na existência comum (MAFESOLI, 2007), a gramática elaborada e usada para tais intentos é uma profusão de palavras voltadas a traduzir, por meio de falhas e apagamentos, os apelos sinestésicos do corpo, das cores, dos sabores, do indócil burburinho inaudível das coisas mesmas, num processo de nomeação cujo objetivo é “[...] impor identidade ao múltiplo, ao móvel, é forjar uma unidade que a pluralidade das coisas não apresenta” (MOSÉ, 2005, p. 72).

Trata-se de uma genealogia destinada a questionar o pensamento conceitual e as categorias lógico-gramaticais, por estarem calcado(a)s na ideia de identidade, não contradição e causalidade, integrantes basilares da história do conhecimento humano. Ao traçar essa espécie de mito fundacional, o narrador ressalta que, a despeito de gerar proteção, paz e humanidade, o processo de criação e desenvolvimento da linguagem foi hábil em gerar violências e silenciamentos, firmando uma espécie de pacto original linguístico-societal voltado a eliminar qualquer voz destoante.

[...] a linguagem só poderia nascer e adquirir eficácia numa situação em que todos, ou uma grande maioria, estivessem doentes ou muito enfraquecidos, tornando-se então uma moeda de troca, uma comunhão na doença, e aí sim, se entre eles houvesse alguém sadio que fizesse ouvidos moucos àqueles gritos, alguém desatento à estranha ladainha, então os doentes, em grande maioria, teriam reunido forças para matá-lo ou expulsá-lo. E uma vez curados já não saberiam competir sem este estranho mecanismo, que foram aperfeiçoando cada vez mais (RAMOS, 2008, p. 22).

Estando ligadas ao vício de origem, qual seja, comunicar, as palavras estiveram destinadas a patrocinar o extermínio dos “heróis mudos”, seres não acometidos da “doença” e que precisaram ser silenciados em prol de uma comunidade imaginária violenta, cruel e totalmente hostil em relação a qualquer ação contrária às suas bases. A linguagem, que deveria ser possibilidade de abrigo contra

as mazelas do mundo, agregando o grupo em prol de uma cura que lhe permitisse enfrentar as dores, as doenças, a morte, tornou-se duplicação idealizada incapaz de oferecer o abrigo pretendido. Isso porque, perturbando limites e lugares instituídos por qualquer tradição metafísica, a linguagem é aquilo que nos trai e acaba por nos devorar ou abandonar.

Trata-se, portanto, de uma “ferramenta” incapaz de proteger os seres que lhes deram existência daquilo que seria o maior temor da humanidade, o espectro da morte, o medo da finitude, fazendo da ficção da linguagem uma promessa falha, mas sentida como necessária por ser construção auxiliar capaz de responder à necessidade humana de sobrevivência (VAIHINGER, 2011). Mesmo tendo atravessado toda a história do conhecimento humano, que divide corpo e mente, asseverando a superioridade de uma linguagem racional, tal artifício apenas pôde projetar o homem fora da carcaça física do corpo, com base em promessas cuja realização se encontra em constante por vir. Sem o abrigo do nome, Ramos (2008, p. 28) sugere que “morremos quietos, ou aos ber-ros desarticulados [...]”; nesse momento, as palavras não podem funcionar como anestésico natural, como aquele liberado por alguns animais quando estão sendo devorados.

Os “heróis mudos”, aqueles que hipoteticamente entendiam a vida como fluxo contínuo do devir sem duplicação mediada, dispunham de uma gramática diferenciada para interagir com seus pares e com as coisas do mundo. Essa gramática, sendo guiada por padrões inaceitáveis ao pensamento linguístico-racional, precisou ser desacreditada, porquanto patrocinava uma relação sinestésica, com o mundo e com o outro, que passou a ser temida. A mudez característica desses seres, então, longe de significar ausência de linguagem, poderia marcar uma relação radicalmente linguística com os seres-mundos, o que propiciava abdicar de qualquer simbologia mediadora: “[...] Tudo parecia escrito para eles e bastava que tocassem um corpo de pedra ou de carne para que o enorme livro se abrisse e mais uma linha fosse escrita” (RAMOS, 2008, p. 29).

Inventadas, tendo por base uma fragilidade amedrontada, as novas comunidades linguísticas passaram a temer os “heróis mudos”, assegurando-se de que o retorno, digamos, de uma condição considerada nômade, tribal, selvagem e propiciadora de um diálogo sinestésico com o mundo, fosse evitada a qualquer custo. A exemplo do que afirma Mosé (2005, p. 84), ao ler Nietzsche, pode-se considerar, na genealogia *Ó*, a afirmação de que a busca por ser rebanho, comum, normal acabou fazendo com que a singularidade do ser-mundo fosse tomada como um desvio, uma doença, de forma que a atividade “estética”, negando a positividade da linguagem, foi colocada em escanteio pela cultura.

Ao discorrer sobre a farmácia de Platão, Derridá (2005) destaca que tanto no que concerne à oposição bem e mal como no tocante aos costumes, à moralidade pública e às conveniências sociais, qualquer ato fundacional somente pode oferecer valor incerto. Há sempre um ente a estabelecer, sob a batuta de sua autoridade, uma valoração arbitrária para as tecnologias ofertadas, seja deus, pai, sol, rei, capital, estado, enfim, uma coletividade “representada”. No mito de “Fedro”, a escrita é presente ofertado ao deus-rei como arte, potência e força positiva, assim como, na genealogia inventada por Nuno Ramos (2008), a linguagem é tomada em seus poderes curativos para a maioria dos seres, o que a fez “ferramenta” disponível aos processos civilizacionais autoritários. Se, no caso de “Fedro” de Platão, as propriedades da escrita como *phármakon*-remédio não apagaram as contradições e ambiguidades que a fazem também veneno, na alegoria de Ramos (2008), a linguagem, mesmo guardando uma condição de existência multissignificativa, não deixa de compactuar com o extermínio dos “heróis mudos”; veneno para uns, remédio para outros.

Como asseverou Lacan (1986), o simbólico, domínio da linguagem e das trocas culturais, faz-se sob as linhas de estruturação do imaginário, encobrindo algo do Real, que resiste a ser simbolizado. O real da linguagem, então, seria o desvio, a impossibilidade, estando

perpassada por questões referentes às formas relacionais estabelecidas entre os seres e que, para Blanchot (2010), formam três conjuntos. O primeiro conjunto se guia pela lei do mesmo, em que o outro (coisa ou alguém) deve ser tornado idêntico ao eu absoluto; no segundo, a unidade é obtida numa relação de coincidência e participação, sendo absoluto o outro; na relação de terceiro tipo, não há unidade ou igualdade, a estranheza é o que é possível antever no outro descentrado, pois o ser fala ao outro e a si mesmo devido ao desvio, à impossibilidade de entendimento desprovido de problematização, teatralizando um jogo de negociações sem garantias de êxito. É principalmente a relação de terceiro tipo que encontramos em *Ó*, cujo narrador deixa patente a estranheza das relações complexas chamadas a fazer parte das tramas.

### Considerações finais

No bojo do intempestivo contemporâneo, a questão patente aos “heróis mudos” e aos “seres de linguagem” não é ressaltar uma condição primeva saudosista da linguagem essencial, mas reconhecer, na cisão operada, um esgotamento de possibilidades para a construção do conhecimento no correr dos tempos. Não é a existência da diferença que gera a oposição, é o estabelecimento da medida que elege a saúde ou a doença, o veneno ou o remédio, segundo interesses que somente podem promover uma ficção castradora. O que resta? Esgarçar as tapeçarias basilares que fazem as identidades profundas, sem desprezar as tradições, mas fazendo o entrelaçar de outros fios, pontos, alinhavos, rasgos, com todas as (im)possibilidades de (re)invenção. É preciso reconhecer que a linguagem precisa testar seus limites, autodestruir-se, e, alimentando-se das próprias cinzas, reinventar-se.

No veio das (im)possibilidades da palavra e seus inacabamentos, encontra-se esse universo linguístico-conceitual que cria realidades contraditórias e contestadas para a contemporaneidade. A literatura, ainda que mais democratizada, continua a ser “território contestado” de exclusões, como chama a atenção Regina Dalcastagne (2012), e a leitura, esse território polissêmico, tem suas próprias crises e desafios potencializados, mas é justamente nele que a linguagem (as linguagens) pode reinventar-se, chamando-nos, como disse recentemente em conferência na Universidade do Estado da Bahia o escritor angolano Manuel Rui, a falar (significar) com palavras que não existem.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2013.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita - 1: a palavra plural**. São Paulo: Escuta, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LACAN, J. Seminário 1. **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, Friederich. **Obras incompletas**. Trad. Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Ed Nova Cultural Ltda, 1999.

RAMOS, NUNO. **Ó**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Coleção contemporânea: filosofia, literatura e artes)

VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista**. Tradução de Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.